

Espiritismo, educação, gênero e sexualidades



© 2022 – Alexandre Júnior

Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidades

Um diálogo com as questões sociais

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira
Marques CEP 13485-150 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão, por escrito, do editor.

Revisão: Luiz Gustavo O. dos Santos
Ilustração da Capa: Martha Saraiva
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

2ª Edição – 2024

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Júnior, Alexandre

Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidade :
Um diálogo com as questões sociais / Alexandre
Júnior – 2ª edição Limeira, SP: Editora do Conhe-
cimento, 2024.

p.

ISBN: 978-65-5727-179-7

1. Espiritismo 2. Educação 3. Gênero 4. Sexualidade
5. Questões sociais I. Título

24-

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

Alexandre Júnior

Espiritismo, Educação Gênero e Sexualidades

Um diálogo com as questões sociais

2ª edição
2024



Agradecimentos

Aos meus filhos Lelê, Vivi, Vini e Miguel! Amo vocês.

A Sandra Moraes. Você faz com que meus sonhos se tornem realidade, motiva-me e me inspira. Graças a você, esse caminho foi palmilhado, minha eterna gratidão, ternura e amor.

A Júnior Guabiraba, que me despertou para a possibilidade da construção desta obra de forma tão amiga e tão sensível.

Ao CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita.

A Martha Saraiva, pela produção da linda capa, e por todo apoio a mim dispensado.

E a todas, todos e todes aqueles que, direta e/ou indiretamente, colaboraram na construção desta obra.

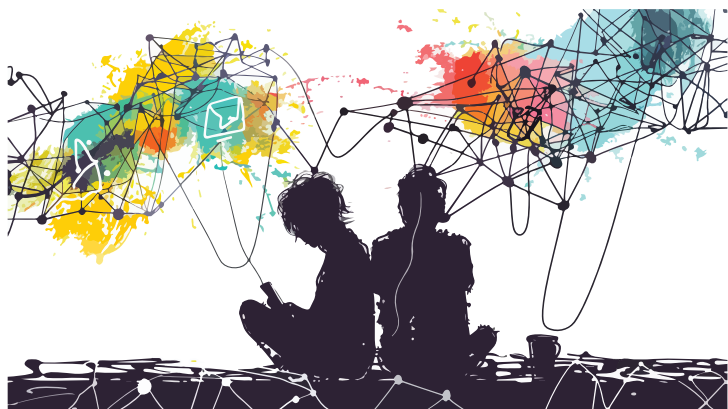
A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido*.

A desigualdade das condições sociais é uma lei natural?

— Não; é obra do homem e não de Deus.

Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*, n. 806.



Sumário

| | |
|--|----|
| Prefácio | 11 |
| Prefácio à segunda edição | 16 |
| Introdução | 20 |
| 1ª Parte | |
| PONTOS FUNDAMENTAIS DO ESPIRITISMO | |
| O Espiritismo e as questões sociais: visão social de Deus | 27 |
| A imortalidade da alma | 32 |
| A reencarnação | 34 |
| A comunicabilidade dos Espíritos | 37 |
| O progresso | 40 |
| O Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado e as ações materialistas, conservadoras e contemplativas..... | 44 |
| 2ª Parte | |
| ESPIRITISMO E EDUCAÇÃO | |
| Educação espírita como prática para a liberdade | 55 |
| Educação como redenção da sociedade | 64 |
| Educação como reprodução da sociedade..... | 67 |
| Educação como transformação da sociedade..... | 70 |
| Como um currículo progressista pode ser atendido por uma tendência pedagógica liberal? | 72 |

3ª Parte

ESPIRITISMO E DEMANDAS SOCIAIS

| | |
|---|----|
| O corpo educado: as vidas que importam e as lágrimas permitidas | 81 |
| A identidade cultural..... | 84 |
| Políticas identitárias | 90 |
| O corpo educado | 95 |

4ª Parte

ESPIRITISMO E SEXUALIDADES

| | |
|--|-----|
| Gênero, sexualidades e espiritualidades..... | 103 |
| Gênero e sexualidades como questão de <i>performance</i> social..... | 112 |
| Gênero e sexualidades como questão de <i>performance</i> espiritual..... | 119 |
| Posfácio..... | 126 |
| Posfácio à segunda edição | 128 |
| Referências bibliográficas | 130 |
| Pirataria espiritual | 133 |



Prefácio

Avanços de ontem, reivindicações de hoje. Por que estacionamos?

Educação, gênero e sexualidades são, entre muitos, temas da atualidade do mundo, que incomodam e solicitam empenho de todos, todas e “todes”, como deixa evidente e faz questão de assinalar na linguagem o autor Alexandre Júnior. Importam também, por consequência, ao Espiritismo. Não sob a obrigação de elucidá-los e, menos ainda, de resolvê-los no âmbito conceitual a partir dos seus princípios; mas, sim, para juntar a esses temas aquilo que o Espiritismo tem de melhor como contribuição ao seu estudo. E mais: para trazê-los à luz do conhecimento aos seus adeptos, nas palestras, nos cursos, nos diálogos do cotidiano dos centros espíritas, a fim de que sejam esses adeptos parte daqueles que, abertos e dispostos, saem às ruas como cidadãos que são a contribuir para a mudança social efetiva, feita a partir de uma ação forte sobre as bases estruturais. É preciso conhecer para superar.

Com Allan Kardec, o Espiritismo palmilhou, com antecedência, inúmeras questões de importância hoje indiscutível, tanto no que diz respeito ao ser espiritual quanto às suas relações humanas e sociais. Um avanço reconhecido até por aqueles que não comungam das novas ideias apresentadas pelo Espiritismo. A afirmação, por exemplo, de que homens e mulheres são iguais enquanto Espíritos

ou almas, independentemente do corpo físico em que estejam encarnados, pôs o Espiritismo à frente em relação à questão de gênero, antecipando os estudos e conquistas da atualidade.

O avanço proporcionado por Kardec, contudo, ficou limitado com o tempo, mantendo-se os espíritas em posição estacionária, enquanto a sociedade caminhou em direção a conquistas e ganhos reais no campo dos direitos humanos, da igualdade de gêneros, do reconhecimento das sexualidades, da luta contra os preconceitos raciais e tantas outras, tornando tais temas integrantes de uma pauta permanente de reivindicações justas.

Espiritismo, educação, gênero e sexualidades: um diálogo com as questões sociais é um livro oportuno e especial, a navegar nas águas do oceano aberto por Kardec. Oportuno porque chega em momento contextual dos mais motivadores a esse tipo de abordagem, quando algumas conquistas socioculturais são alcançadas após insistentes ações reivindicatórias, especialmente as feitas pelo direito das minorias sociais, conquistas essas que alcançam de modo formidável o Movimento Espírita Brasileiro, sacudindo-o. Especial por conta daquele que o escreve com a pena fincada no coração e banhada pelo sangue das mais lídimas e verdadeiras aspirações: tornar as conquistas do meio acessíveis ao Espiritismo enquanto doutrina comunicada pela práxis diária.

Importante apontar a direção estabelecida pelo autor, Alexandre Júnior, um estreante tardio no campo do pensamento que se materializa literariamente. Faz-se ele aqui, com todos os riscos que essa ação proporciona, dadas as suas próprias limitações materiais e intelectuais, um porta-voz das minorias quase invisíveis que coabitam na comunidade espírita do país, reivindicando para elas o lugar devido nas associações doutrinárias institucionalizadas. Mas não apenas o lugar; também o reconhecimento de que são ideadas e, portanto, marginalizadas com as mesmas tintas do preconceito estrutural que as torna figuras à parte da realidade do meio espírita, negando-se-lhes os mesmos direitos que são reconhecidos aos demais, os ditos “normais”.

Ressalte-se: Alexandre Júnior se erige como porta-voz menos por aspiração à notoriedade e mais por estar convivendo há tempos no Movimento Espírita Brasileiro,

em meio às injustiças explícitas ou implícitas aí presentes. Movimento este que, assim o fazendo, reproduz em escala relativa o comportamento preconceituoso e injusto que a sociedade brasileira ostenta para com as minorias – com uma diferença fundamental: as lideranças do movimento falam e agem em nome de uma doutrina que é essencialmente promotora da autonomia moral e da liberdade, o que configura uma flagrante contradição.

Parece-me correto afirmar: mais que um livro de mergulho teórico nos pensadores sociológicos da atualidade, este é um documento que propõe reflexões, reivindica avanços às lideranças espíritas e argumenta a favor de mudanças a fim de pôr o pensamento espírita em consonância com as propostas de seu fundador, Allan Kardec. Tem por certo que o caminho escolhido pela maioria dos espíritas, sob a liderança e o estímulo das instituições hegemônicas conservadoras, contribuiu e contribui diariamente para fazer da doutrina essa peça contraditória, como assinalado, que ao mesmo tempo propõe avanços extraordinários no campo humano e social, mas se afasta do mundo da vida em seus aspectos mais expressivos e reclamados.

Ao grafar a expressão “Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado”, para se referir àquela que comanda há mais de século esse movimento, junto com as suas congêneres estaduais, Alexandre Júnior explicita um dos dois públicos com os quais preferencialmente pretende dialogar neste seu livro. O outro público é, sem dúvida, aquele constituído pelos novos pretendentes à doutrina espírita, aos quais dedica os textos da primeira parte do livro. Concede, assim, espaço de reflexões para dialogar com novos e antigos adeptos do Espiritismo, na pretensão legítima de oferecer sua interpretação progressista dos livros de Allan Kardec e apontar a lacuna existente entre as práticas doutrinárias que se fazem no dia-a-dia do Movimento, especialmente nos centros espíritas, em comparação com a realidade social, onde os cidadãos são chamados a se aliar a causas políticas, educacionais, culturais etc., no sentido de interferir para mudar a própria sociedade, conferindo-lhe a necessária e insofismável condição para alcançar um estado de verdadeira justiça social.

Alexandre Júnior vê com nitidez o distanciamento entre as propostas doutrinárias expressas pelas obras fundamentais do Espiritismo e as práticas do dia-a-dia das casas

espíritas, práticas essas majoritariamente calcadas numa visão capenga de uma doutrina que se institui com base na ideia de religião carregada de heteronomia, mesmo que, em tese, as lideranças a tenham como adogmática e despi-da, em aparência, de rituais e demais apetrechos próprios das religiões tradicionais. A explicação para isso está, segundo o autor, na não percepção de que tais situações não desapareceram, de fato; antes, de que se revestiram apenas de novos símbolos e significados, sem perder, como diria J. Herculano Pires, o ranço das velhas religiões, além de manter outras antigas e criticáveis metas de poder e dominação.

Há mais, contudo. Alexandre Júnior explicita suas convicções e anseios já a partir da Introdução, ao apontar que o Espiritismo, em sua faceta “oficial” e, por isso, hegemônica, “não está isento das práticas preconceituosas, sejam elas LGBTQIAP+fóbicas, machistas, racistas, misóginas, sexistas ou xenofóbicas”. É de se ver que não se trata de uma simples acusação ao real estado da arte no meio espírita, mas da constatação terrível de uma situação objetiva e, o que é pior, predominante. O que isso traz de atraso e desvios no campo da educação e da construção de uma mentalidade espírita que, de fato, possa interferir e mudar a sociedade e o ser é ainda mais de lamentar.

Estabelecem-se, segundo o autor, duas posições contraditórias: o movimento espírita hegemônico se mostra compreensivo ao caráter progressista da doutrina, ao mesmo tempo em que limita o conceito de progresso ao defender que apenas os Espíritos superiores têm o poder de ditá-lo – dotando, assim, os adeptos de uma limitação constrangedora de sua atuação social e lhes impondo uma paralisia física e intelectual abissal. Tornam-se os adeptos dependentes de uma noção equivocada, segundo a qual a sociedade só mudará para melhor quando os homens houverem superado a si mesmos, com esforços individuais e isolados do meio em que se localizam, que, de fato, é o único lugar do exercício efetivo das experiências que conduzem ao progresso. Está evidente, hoje, que progresso moral individual e progresso social se fazem concomitantemente e em regime de reciprocidade, jamais um isolado ou à parte do outro.

Daí porque temas elegidos pelo autor como os preferidos à discussão reflexiva – como educação, gênero, sexua-

lidades, bem assim outros decorrentes desses, tal o tema da política em sua ótica mais ampla – se mostrarem oportunos e necessários, dir-se-á imprescindíveis, seja para o enfrentamento dessas questões que estão, como jamais estiveram até aqui, na pauta das reivindicações sociais, seja ainda para superar o fosso imenso que há entre as questões sociais principais e as práticas e estudos estabelecidos nas casas espíritas tradicionais. A superação desse fosso só se dará quando o enfrentamento desses temas ocorrer sem preconceitos ou restrições de qualquer espécie, na compreensão de que o Espiritismo que de fato educa é o que oportuniza a todos condições para estudo, análise e experimentação, rompendo as barreiras do conservadorismo que divide e paralisa.

Poder-se-á discordar do autor quanto à linha de pensamento que escolhe para discussão, mas jamais se poderá acusá-lo de parcial ou tendencioso, menos ainda de estar se referindo a fatos irrealis ou inventados. Ao contrário, tem ele apoio não só nos acontecimentos que observou ao longo de anos de convivência no meio espírita, mas também no testemunho de numerosos adeptos do Espiritismo, muitos, inclusive, com histórias pessoais de exclusão e apagamento sofridos no meio. Embora o autor não os aponte nominalmente, esses testemunhos podem ser encontrados a qualquer momento nas *lives*, discussões e narrativas realizadas nas diversas redes sociais.

Resta, pois, louvar a disposição corajosa de Alexandre Júnior em mostrar os fatos e os meios para superá-los, bem como por construir uma narrativa a partir do emprego de uma linguagem objetiva, sem rodeios, linguagem que certamente, em algum ponto, se fere suscetibilidades, serve para evidenciar o quanto os temas são do âmbito das necessidades mais prementes do contexto espírita atual, não podendo ser olvidados sob qualquer argumento.

São Paulo, janeiro de 2022.

Wilson Garcia



Prefácio à segunda edição

O Espiritismo teve o seu ponto de partida no trabalho metódico e revolucionário de Allan Kardec, que inaugurou, no século 19, o estudo científico da mediunidade. É impossível inserir um ponto final no desenvolvimento desta área do saber, pois ela se projeta na borda do infinito em busca de novas possibilidades para o manejo adequado dos problemas vigentes em cada época.

Ao analisar dados em sua pesquisa, Kardec recusava o alinhamento automático a concepções e práticas diversas, mesmo que fossem consideradas de procedência insuspeita. Para o educador francês, o instrumento avaliativo de qualquer proposta é formado pelo bom senso e pela congruência com os elementos da realidade empírica.

Estudar um assunto de grande relevo acadêmico e social implica enfrentar questões árduas mediante um repertório de saberes compatíveis com o plano traçado. Nesse panorama, Alexandre Júnior mobiliza um destacado acervo teórico-vivencial para dar suporte às teses do livro *Espiritismo, educação, gênero e sexualidades: um diálogo com as questões sociais*, que, desde o seu lançamento, encontra eco junto a pessoas interessadas em um debate qualificado. A recepção da obra tem se mostrado bastante heterogênea, fruto das singularidades humanas que dão origem a concepções típicas e distintas no Movimento Espírita.

A produção de Alexandre possui uma característica partilhada por trabalhos do mesmo quilate que tomam para

si a matriz filosófica e discursiva iniciada por Allan Kardec. Esse movimento corresponde a percorrer um solo vasto em território pouco explorado para mapear trilhas conceituais que denotam a fertilidade epistemológica do Espiritismo.

Intelectuais genuínos precisam reconhecer os contornos e dificuldades que envolvem o pensar sobre o mundo, haja vista que toda interpretação equivale a uma perspectiva historicamente localizada. O autor deste livro admite que o tempo se encarrega de atualizar vias de acesso ao conhecimento, razão pela qual está aberto a refazer caminhos no interior da sua própria obra. Além disso, para desenvolver o seu trabalho, Alexandre acolhe a dinâmica do contraditório e se nutre com a reflexão crítica bem fundamentada, como fazem todos os pesquisadores honestos.

Portanto, o convite do autor para que eu redigisse este prefácio foi determinado por alguns fatores específicos, entre eles, os nossos pontos de divergência sobre o assunto em pauta, embora também concordemos em muitos aspectos do mesmo objeto de estudo. Alexandre não deseja que os seus leitores e interlocutores adotem este livro como uma *via veritas* desenhada nas linhas compactas de um ensaio filosófico-educativo. Ele tenciona estabelecer uma correlação entre o olhar das Humanidades e o horizonte compreensivo da doutrina espírita, reafirmando a proposta kardeciana para consolidar o projeto de uma filosofia espiritualista, conforme está em *O Livro dos Espíritos*.

Embora o rigor científico e doutrinário sejam notáveis no texto, o trabalho não tem como foco a discussão altamente especializada e seletiva, conduzida unicamente por pessoas com experiência acadêmica. Em sentido oposto, as páginas deste livro podem ser úteis para alguém travar o primeiro contato com o tema central. A argumentação refinada e acessível desvela um conteúdo que se oferece como plataforma para alçar voos inéditos no plano do pensamento. Não poderia ser diferente, já que o autor, além de intelectual criativo e orgânico, é também um educador que assume o compromisso de ser claro no uso da palavra.

Para vencer as fases iniciais do trânsito evolutivo, é necessário construir a consciência da imortalidade associada ao princípio do amor enquanto elemento que harmoniza as comunidades espirituais disseminadas no univer-

so. Por esse motivo, a vida na Terra impõe uma maturidade psíquica para que o desabrochar do potencial anímico não esteja restrito à contemplação e ao êxtase. O transcendente deve se manifestar no imanente a fim de resgatar e proteger vidas fraturadas pela opressão e pela injustiça social. Afeto e espiritualidade induzem o florescimento de uma percepção sobre o eterno, mas também ajudam a demolir preconceitos viscerais na trama do convívio, evitando que Espíritos encarnados caiam na submissão ao império da violência em todos os seus matizes.

Eis aqui a justificativa para um livro espírita que articula ideias e proposições a respeito de gênero, educação e sexualidades. Ancorado em valores humanos e transcendentes, o autor recolhe inspiração no trabalho dialético e autoral desenvolvido por Allan Kardec, principalmente nos volumes da *Revista Espírita*, onde podemos conferir, como afirmava o mestre lionês, que o Espiritismo possui meios para dialogar com todos os campos do conhecimento humano.

No meu modo de entender, existem três áreas de investigação que se relacionam mais intimamente com a natureza epistêmica do Espiritismo: psicologia, filosofia e pedagogia. As duas últimas áreas foram incorporadas pelo autor em seu processo formativo, credenciais que o tornam plenamente apto para o objetivo abraçado quando decidiu escrever este ensaio.

A produção social de tristeza e niilismo exaure lentamente o estoque de forças acumuladas pelo ser humano como recurso de autocuidado e autonomia. Em um claro sinal de resistência, este livro contém algumas aproximações entre o Espiritismo e assuntos que envolvem cultura, política, educação e espiritualidade. Segundo me confessou Alexandre, o texto representa um gesto para fortalecer o ato de esperar, rejeitando as migalhas de ilusão e angústia oferecidas no banquete sombrio do desamor. O autor prefere saborear bons pedaços de utopia enquanto se reúne para celebrar com amigos a militância social-espiritual por um mundo melhor.

Eu desejo que este trabalho, disponibilizado agora com um suporte editorial de maior alcance, continue estimulando virtudes e vontades que iluminam a vida comunitária: o olhar crítico-reflexivo dos intelectuais, o bom senso

dos mediadores e a capacidade transformadora dos idealistas. E que venham outros livros a escorrerem das mãos do professor Alexandre Júnior para contribuírem com a construção social de uma realidade fraterna e igualitária.

Recife, 18 de setembro de 2024.

Luiz Fernando Lopes

Psicólogo, farmacêutico, professor e
mestre em Psicologia (USP)

@psi.luizfernandolopes



Introdução

A ideia de um Movimento Espírita que dialogue de forma sóbria com as questões sociais sempre me motivou, na perspectiva da crítica ao modelo atual de Espiritismo que praticamos no Brasil.

Dentro deste cenário de realidades, o amor tem cor, tem orientação sexual, tem gênero, tem poder aquisitivo.

Uns podem amar e ser amados, outros precisam pedir permissão para existir. Uns podem dialogar com os Espíritos desencarnados, outros possuem a sua espiritualidade negada. Uns podem ser quem são, outros precisam simplesmente se abster daquilo que são.

O que valida a condição de ser na sociedade são construções culturais instituídas a partir de classe, gênero e raça.

Percebe-se, em algum momento, que algumas pessoas imaginam que os espaços religiosos estão imunes à reprodução desses comportamentos excludentes e preconceituosos.

Neste livro também se discute, a partir da visão do autor, como o Movimento Espírita Brasileiro Hegemônico Federativo Institucionalizado não está isento das práticas preconceituosas, sejam elas LGBTQIAP+fóbicas, machistas, racistas, misóginas, sexistas ou xenofóbicas.

Construímos diálogos a partir da nossa experiência no referido Movimento e com o objetivo de poder discutir e trazer a reflexão acerca de como a comunidade LGBTQIAP+ é tratada dentro dos espaços espíritas brasileiros. Quantos sofreram e sofrem violência das mais diversas or-